**PESQUISANDO AS INTERPRETAÇÕES SOBRE O LIVRO DE DANIEL**

O livro de Daniel já não representa a verdadeira corrente profética. Já não contém mais a pregação de um profeta enviado por Deus em missão junto de seus contemporâneos. Ele não é chamado de *nabi* nem *roeh* em nenhuma parte. No cânon judaico, nem faz parte dos Profetas. Foi composto e imediatamente escrito por um autor que se oculta por detrás de um pseudônimo, como ocorre com outros escritos da literatura apocalíptica. Pela época que o livro de Daniel deixa transparecer com seu conteúdo e gênero, ele já não representa mais a corrente profética primitiva, mas o desenvolvimento do apocalipsismo (COLLINS, 2010).

Em Daniel, o desenvolvimento do tipo histórico de apocalipses está associado com a crise do período Macabeu e envolve uma reapropriação extensa da tradição profética, de onde ele herda a análise da história. Da sabedoria, o gênero apocalíptico herda o espírito de interpretação, aprofundando a análise política (COLLINS, 2010). Podemos afirmar que o livro de Daniel representa o processo final de mudança da escatologia profética para a apocalíptica, representando a sua atualização. Essa atualização permitiu inclusive que escritos como o de Daniel fossem considerados inspirados, nos moldes da Torá.

Uma corrente do povo cristão continua, no entanto, a recepcionar Daniel como um profeta escatológico que, com suas visões e mensagens recebidas de Deus, faz predições sobre o final dos tempos. Trata-se dos grupos milenaristas, dentre eles os Adventistas do 7º Dia, que se esforçam para estabelecer o cumprimento histórico daquelas visões de Daniel. Uma rápida pesquisa na internet já nos confirma o que estamos falando. Pululam as mais variadas interpretações, algumas totalmente estapafúrdias, que não resistiriam a uma mínima exegese. Dentre os temas em destaque, citamos a segunda vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos, o milênio, o juízo final e o inferno.

**A ressurreição dos mortos**

Daniel 12.1-3: *“Nesse tempo levantar-se Miguel, o grande Príncipe, que se conservava junto dos filhos do teu povo. Será um tempo de tal angústia qual jamais terá havido até aquele tempo, desde que as nações existem. Mas nesse tempo, o teu povo escapará, isto é, todos os que se encontrarem escritos no Livro. E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno. Os que são esclarecidos resplandecerão, como resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça serão como as estrelas, por toda a eternidade”.* (BJ, 2008)

Com uma linguagem apocalíptica, Daniel descreve a chegada do Reino de Deus, após a derrota do último reino humano. Miguel significa “Quem é como Deus”, um claro desafio às potências opressoras. Daniel se refere aos mortos pela injustiça e pela opressão desencadeada pela política de helenização da época de Antíoco IV Epífanes. E dá a esses mortos uma perspectiva de salvação:

“Isaías (53) diz que o justo não morre em vão. Ezequiel (37) fala de uma ressurreição do povo, voltando do exílio para a sua terra natal. Combinando as duas perspectivas, poderíamos dizer que derrotado o último reino, instaura-se historicamente o Reino de Deus como uma forma de vida justa e igualitária. Dele participam todos os justos, fieis ao projeto de Deus. Mas dele são excluídos todos os injustos, os que colaboraram com a opressão.” (STORNIOLO, 2007, 93).

Com este texto, se inicia a ideia milenarista de que haverá uma ressurreição antes do juízo, e depois a eternidade. Assim, se projeta para um destino escatológico a recompensa pelas atitudes nessa vida. Além disso, com a ressurreição, os sábios se juntarão às hostes celestiais (CARNEIRO, 2017). Trata-se de uma clara transcendentalização do reino terrestre, transpondo-o para o além. Neste aspecto, o justo ressuscita na vida de Deus. Para os cristãos não milenaristas, fica o mistério que só pode ser expresso em linguagem mitológica, como faz Daniel, através de imagens sugestivas. “Mas no aspecto histórico, à época de Daniel, todos os justos vivos conservam a lembrança dos mártires como força para continuar o projeto coletivo. Eles ressuscitam historicamente na memória do povo, iluminando caminho da vida” (STORNIOLLO, 2007, 94).

A recepção de um Daniel profeta pelas correntes milenaristas radicaliza esse entendimento com uma ressurreição física dos mortos. Para eles, este texto, como a grande esperança de todos que creem em Jesus, afirma que, no fim dos tempos, os mortos ressuscitarão e os salvos irão morar para sempre com Jesus. Entendem que a ressurreição é uma coisa real, física, não uma simples metáfora. Vai acontecer de verdade. **E a prova disso é Jesus.** Ele ressuscitou para a vida eterna para mostrar que esse é o destino de todos que creem nele. Se não há ressurreição dos mortos, nossa fé é inútil, como Paulo afirma em Coríntios 15. 17-19 (PALOMARES, 2014).

Para os milenaristas, a ressurreição dos mortos vai acontecer no fim dos tempos, quando Jesus voltar. **Todas as pessoas que já existiram ressuscitarão e serão julgadas por Deus.**Alguns receberão o eterno castigo, mas outros receberão a vida eterna. Deus irá julgar cada um de acordo com aquilo que fez durante sua vida. As pessoas que não tiverem seus nomes escritos no livro da vida serão todos lançados no lago de fogo, junto com o diabo, onde sofrerão condenação eterna. Essa é a segunda morte. Mas os salvos receberão um corpo espiritual. Deus enxugará todas as lágrimas e dará perfeita alegria aos salvos na ressurreição. Não haverá mais dor nem sofrimento. Na ressurreição, os salvos vão morar para sempre junto de Deus! Não vai haver mais morte. Todos viverão para sempre, recebendo vida eterna diretamente de Deus. **A alegria durará para sempre.**

**O Milênio**

Daniel 2.44-45

*“No tempo desses reis, o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará a outro povo. Esmagará e aniquilará todos os outros reinos, enquanto ele mesmo subsistirá para sempre. Foi o que pudeste ver na pedra que destacou da montanha, sem que mão alguma a tivesse tocado, e reduziu a pó o ferro, o bronze, a argila, a prata e o ouro. O grande rei manifestou ao rei o que deve acontecer depois disso. O sonho é verdadeiramente este, e digna de fé é a sua interpretação”.* (BJ, 2008)

Daniel 7.27

*“E o reino e o poder e as grandezas dos reinos sob todos os céus serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo. Seu reino é um reino eterno, e todos os poderes o servirão e lhe prestarão obediência”.* (BJ, 2008)

A vida do Reino de Deus, simbolizado pela pedra que destrói a escultura não é obra humana, mas de Deus. Mas o que seria esse reino *“que nunca será destruído”*? Sem dúvida, uma alternativa de sociedade projetada durante a revolta dos Macabeus contra Antioco IV Epífanes. Não uma projeção espiritualizada no mundo do além, mas uma alternativa concreta, contrária ao espírito de opressão. Este reino, que se diz ser obra de Deus, no capítulo 7 é chamado de *reino dos santos*, ou seja, do povo dos fiéis a Deus (STORNIOLLO, 2007).

As correntes milenaristas, no entanto, interpretam esses versos de Daniel como a previsão do milênio, o período da Nova Terra, em que impera a justiça, quando Deus proverá uma morada eterna para os remidos e um ambiente perfeito para vida, amor, alegria, e aprendizado eternos, em sua presença (SAYÃO). Pois aqui o próprio Deus habitará com o seu povo, e o sofrimento e a morte terão passado. O grande conflito estará terminado e não mais existirá pecado. Todas as coisas, animadas e inanimadas, declaram que Deus é amor; e Ele reinará para todo o sempre. (RABELO, 2013)

A expressão *“Santos do Altíssimo”* (7.27) que, a princípio parecem anjos que auxiliam a Deus no tribunal, pelo contexto da cena e a expressão “para fazer justiça aos santos do Altíssimo” (7.22) depois de um tempo de perseguição. Depois nos versos acima, fica mais clara a relação entre os Santos e o tribunal (CARNEIRO, 2017). Nickelsburg (2011), essa maneira de descrever os santos tem duplo significado: representam tanto os anjos que julgam com Deus no tribunal coletivo, quanto se refere ao povo fiel de Deus na terra. Seriam dois níveis em paralelo, o que ocorre no céu tem um reflexo do que ocorre na terra. É uma das ideias mais recorrentes na literatura apocalíptica.

João encerra seu Apocalipse com a narrativa daquilo que ele entendia ser o fim do mundo e da história. Antes disso, entretanto, ele também descreve um período de governo milenar do Jesus Glorificado e seus mártires ressuscitados. O milênio aparece no livro joanino como o tempo do aprisionamento de Satanás e do reinado messiânico interino na terra. Estas expectativas parecem ter origem em tradições literárias judaicas que combinavam noções sobre um redentor ungido por Deus, um retorno aos tempos paradisíacos e periodizações da história.

O profeta João produziu um texto que propõe um milenarismo revolucionário que rejeita a ordem social romana e convida sua comunidade a abandonar as estruturas religiosas imperiais, especialmente o culto imperial, esperando que isso provoque o martírio dos seus membros, e instaure os eventos que culminarão no retorno do Cristo à terra para derrotar os inimigos dos fiéis, ressuscitar os martirizados e implementar um reino de mil anos. Este *“reino dos mártires”* com Cristo parece ser o resultado de tradições messiânicas e apocalípticas do Judaísmo antigo, materializado no final do século I no Apocalipse em função de traumas da guerra judaico-romana (66-70), de conflitos entre igrejas e sinagogas e das diferentes respostas de líderes carismáticos à questão do relacionamento com a sociedade romana (MIRANDA, 2017).

Estas antigas noções parecem ter se reunido de uma forma muito semelhante, na região da Ásia-Síria-Palestina no final do século I, nas obras Apocalipse de João, 4Esdras e 2Apocalipse de Baruque, por causa, entre outros fatores, dos traumas da guerra de Roma contra os judeus e a destruição do seu Templo. No caso específico da versão joanina, sua emergência ainda pode ter relação com conflitos de liderança das comunidades de Jesus em função de respostas diferentes à questão do relacionamento com a sociedade romana (MIRANDA, 2017).

**Referências**

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.

CARNEIRO, Marcelo da Silva. A imagética apocalíptica no livro de Daniel. In Profetismo & Apocalíptica (material instrucional). Universidade Metodista de São Paulo, 2017.

COLLINS, John J. A Imaginação Apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.

MIRANDA, Valtair Afonso. História e Milenarismo no Apocalipse de João de Patmos e no Expositio in Apocalypsim de Joaquim de Fiore: um estudo comparativo. Tese de doutorado. Instituto de História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <<http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/teses/188-historia-e-milenarismo-no-apocalipse-de-joao-de-patmos-e-no-expositio-in-apocalypsim-de-joaquim-de-fiore-um-estudo-comparativo/file>> Acessado em 10/12/2017.

NICKELSBURG, G. W. E. A Literatura Judaíca entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária. São Paulo: Paulus, 2011.

PALOMARES, Adriano. A ressurreição dos mortos, o arrebatamento da Igreja, o milênio e o Juízo Final. IN Averdadeliberta, 2014. Disponível em [http://www.averdadeliberta.com/site/?p=749](http://www.averdadeliberta.com/site/?p=749%20)  Acessado em 10/12/2017.

RABELO, Robelo. Estudo sobre os mil anos: o Milênio. IN Adventismo em foco, 2013. Disponível em <<https://adventismoemfoco.wordpress.com/2013/07/11/estudo-sobre-os-mil-anos-o-milenio/> > Acessado em 09/12/12.

SAYÃO, Luiz. O Milênio Interpretações. Disponível em <<http://www.servodecristo.org.br/pdfs/escatologiasayao.pdf> > Acessado em 12/12/2017.

STORNIOLO, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus e Imperialismo. São Paulo: Paulus, 2007.